

## CONTO

### A DEMANDA DO BOSQUE SOMBRIO

*Por Bráulio Tavares*

Quando acordei, um vozerio confuso penetrava pelo arcobotante da janela do meu quarto, como o burburinho impreciso de uma feira na Quaresma. Debruçando-me para fora, pude lobrigar a azáfama dos cavaleiros, empilhando feno, renovando a água dos cochos, polindo arreios, alimentando as árdegas cavalgadas, tudo isso ao som dos sinos da capela de São Pancrácio, que repicavam festivamente ao sol matinal. Chamei meus criados de quarto para me ajudarem a vestir a armadura, pois era finalmente chegado o dia da Grande Expedição. Vieram Fenelonges e Fidúncio, que me ajudaram a vestir a ceroula, o espartilho, os suspensórios, a cota de malhas, as caneleiras, o peitoral, o boldrié, o talim, o broquel, o morrião, os joanetes, a couraça, o elmo, a viseira, os guantes, a durindana, a exalibur, os penachos, o rebenque e os óculos bifocais. Pendurei meio quilo de logotipos heráldicos por cima de tudo, e fui escovar os dentes no terreiro.

Chegando ao salão principal, encontrei Lorde Guardim e o Barão de Pia-Pouco, que ergueram suas taças em minha saudação. Discreteamos um pouco sobre assuntos belicosos e cinegéticos, enquanto saboreávamos a refeição matinal: peito de caboré ao molho de cogumelos, torresmo a escabeche, feijão-da-Índia com rododendros, doce de quiabo turco. Fomos interrompidos pela chegada de um mensageiro do Senescal da Saxofônia, trazendo um sobrescrito gótico lacrado com os sinetes d'el Rei. A mensagem me era destina-

da, e ao romper os lacres deparei-me com uma obumbrosa caligrafia de traços barrocos, escrita a pena de ganso silvestre. Esforçando-me para não dar na vista, reli três vezes o aranzel de garatujas, e supus dois possíveis conteúdos da missiva: ou o Rei estava me convidando para uma caçada à morsa no bosque sententrional do Condado de Roncro, ou estava me condenando à morte pelo barão sacramental do Carrasco de Rola-Bosta. Na dúvida, agradei ao mensageiro, dei-lhe dois dinares e um ceitil, e após sua saída ordenei que o decapitassem para sempre.

Encerrado o desjejum, despedi-me dos meus confrades e dirigi-me para o pátio, onde diversos arqueiros e homens-de-armas adestravam-se no uso da besta, do mantelete, da catapulta, do aríete, da estrapada, do borzeguim e das bandarilhas. Fui saudado marcialmente por todos, e encaminhei-me tilintante até a estrebaria principal, para ver se Palafrente já estava selado e arreado. Estava. Verifiquei-lhe as rédeas, a cilha, a sela, os freios, o porta-luvas, os estribos, a manta, os emplastos cordíacos, os frisos da crina, as lantejoulas da cauda. Ajudado pelos meus escudeiros, Caraminguante e Gongriz, me escanchei em cima do bufante ginete, soltei meu grito de guerra que fez fugirem os gansos e as galinholas, e saímos para o pátio.

Festiva recepção nos saudou quando emergimos triunfais, com um cortejo de bandeirolas rubro-amarelas, címbalos, estandartes desfraldados ao vento, rufar de tambores e clangor de trombetas. Erguendo a mão para impor silêncio, o que consegui depois de berrar quase meia hora, proferi uma elocução de despedida, após o que dei ordem para que abaixassem a ponte levadiça, que atravessamos entre um agitar de lenços brancos das amuradas, seteiras, ameias e barbacãs. O imenso descampado verde-oliva se estendia diante de nós – e

com ele as vastidões tresvariantes da Aventura.

Descrever as peripécias pelas quais passamos seria tarefa para ociosos; portanto, apresso-me a fazê-lo. Secundado por Gongriz e Caraminguante, que montavam seus respectivos matungos, adentrei um frondoso bosque de madressilvas, que trescalava um suave odor lilás. Enaltecíamos em voz alta quanto é grande o poder da Natureza, quando de repente deparamo-nos com um rústico aldeão campônio, escorado no tronco de uma árvore pequena, da família das icacináceas (*Emmotum nitens*), de flores amarelas por fora e purpúreo-escuras por dentro, com pilosidade roxa, dispostas em panículas axilares, e cujo fruto é drupáceo, suberoso-lenhoso, tendo a madeira utilidade para cercas. Durante esse tempo todo ele continuou escorado na faia, olhando para nós com ar meditabundo, e pitando um cachimbo. Depois de nos examinar dos pés à cabeça, e de certamente concluir que o nosso era um trio sem pé nem cabeça, dignou-se tirar o barrete e nos saudar:

- Salve, nobre senhor.

Ergui dois dedos em sinal de bênção, e argui:

- Dizei-me, bondoso ancião, qual o nome deste falanstério e qual o brasão que o custodia. Somos viajores fatigados pela intemperança das intempéries, e necessitamos de um teto que nos dê abrigo dos rigores da noite.

Ele discorreu:

- Senhor, nasci e fui criado nestes arredores, e antes de mim meu pai, e o pai do meu pai. Assevero-vos que pisais terreno pertencente à casa dos Falangetas, nobre casa aparentada ao sangue real, através do seu patriarca, o Barão de Açambarca.

Eu obtemperei:

- Entretanto, venerável macróbio, em nossos portulanos de viagem nada consta sobre a existência de tal feudo nesses arredores.

Ele argumentou:

- Senhor, tal anomalia cartográfica por certo se deve às frequentes defenestrações sucessórias de que estes ducados e baronatos são pródigos, dificultando sobremaneira a atualização das hierarquias e dos títulos.

Eu aquiesci:

- Assim é, digno sexagenário, e podeis estar certo de que em nossos próprios latifúndios essas sublevações de subalternos são uma verdadeira espada-de-Ândrocles suspensa sobre nossos viscondíssimos cangotes.

Ele aduziu:

- Sem se falar, nobre senhor, que às vicissitudes do momento político vêm se somar as lacunas produzidas pela peste, pelo escorbuto, pela pelagra, e por outras decorrências da insalubridade reinante no século, como o mal-céltico, o mal-americano, o mal-turco, o mal-francês, o mal-de-nápoles, o mal-escocês, o mal-canadense, o mal-germânico, o mal-ilírico, o mal-polaco, o mal-gálico e outros ônus.

Eu tergiversei:

- Mas que isso, provectoro antepassado, não vos aquebrante o ânimo nem vos ensombreça o sobrecenho, pois rezam os antigos que uma época virá, na qual tanto o sangue nobre quanto o sangue fisiológico estarão a salvo desses traiçoeiros percalços; uma época em que a polícia será a salvaguarda da política, e a penicilina será a eminência-parda do pênis.

Ele suspirou:

- Ai, nobre senhor, quem me dera crer em vossas preconizações. Mas sucede que meus antigos são diversos dos vossos, em linhagem e em profecias. E os meus me dizem que virá uma época em que o mundo estará mais do que nunca repleto de males-do-mundo; e que tais males, mais impiedosos e virulentos que os de hoje, não pouparão nem um só centímetro desse nosso precível arcabouço carnal; e, mais que isso: que os mal-entendidos e as más-intenções farão propagar uma tal alastração de crimes de lesa-realeza que o pescoço dos plutocratas acabará mais periclitante do que a próstata dos proletários.

Eu inquiri:

- Então, primevo gerontiarca, já que o devenir das eras se vos afigura tão tenebroso, devíeis estar em regozijo, por ter-vos sido dada a benesse de cumprir vossos dias num tempo ainda tão respirável quanto o atual.

Ele divergiu:

- Nem tanto, nobre senhor; porque, mais do que a precária pas-maceira a que hoje chamam bem-estar, agradar-me-ia presenciar as convulsões terremotrizes de que o futuro se anuncia tão bem provido, e contemplar uma época em que nós, os labregos, os lapuzes, os labrotes, empunhássemos os machetes, as foices, as roçadeiras, as lambedeiras, os trinchetes, os facalhões – e saíssemos em farândola, ululantes! Instituído o revertério da malta, a rebordosa da plebe, o reboição das corjas, a recarga do zé-povinho, a recaída da súcia, a recorrência da caterva, o rodopio do populacho, o rasga-bucho da ralé! O pega-pra-capar!

Aí eu não tugi nem mugui, e sem dizer água-vai pespeguei-lhe uma espaldeirada-em-prancha que o descangotou em ângulo reto,

berrando:

- Pois toma logo essa, cascabú-de-sucata, e vai visitar o calcanhar de tua putavó!

Mas aí, como num passe de mágica, choveu sobre nós uma revoada de dardos e setas; e vimo-nos cercados por centenas de sicários maltrapilhos e canibalescos, armados de bestas, chuços e fundas! Erguendo-me terrível no alto do meu cavalo-de-batalha, prorrompi em brados guerreiros, enquanto distribuía lanças e cuteladas em redor:

- A mim, Gongriz! A mim, Caraminguante! Eia, sus! Aqui del Rei! Viva o imperador! Caluda! A guarda morre e não se rende! Hip, hip, hurra! Sacrebleu! Cazá, cazá, cazá! Callooh, Callay! Arreda, gentalha – que eu estripo e esquartejo!

Assim eu vociferava, cercado por um enxame de latagões em fúria, desvencilhando-me dos laços, esquivando-me dos acutilamentos, escudando-me das flechadas, e ao mesmo tempo fendendo crânios, trinçando espáduas e desviscerando abdômens. Enquanto isso, meus dois desastrados ajudantes distribuíam golpes cegos contra o vento, ou um no outro, ou contra a folhagem, cobrindo-nos com uma verdadeira chuva de ramículos, brotos, líquens e cipós. Por entre o clamor da batalha e o troar anacrônico das bombardas, abri caminho por entre a tropa inimiga, enquanto eles se apegavam a mim como um milhão de rãs insurretas, grudando-se às minhas costas, mordendo-me a nuca, afrouxando meu cinto, desparafusando minha armadura, amorcegando-se em Palafrente, cortando a canivete seus arreios e fazendo com que eu finalmente desmoronasse de cima de seu costado, aluindo ao chão no meio da turbamulta, por entre um clamor feroz de triunfo, e uma chuva de cacetadas, trompaços e muxicões, até que

meus duzentos quilos de ferragens e perplexidade quedaram atravancados em campo-de-honra, sendo calcados aos calcanhares por uma vintena de hirsutos ferrabrazes que celebravam com aleguás o triunfo de sua jaqueria.

Contundido e estonteado, mal tive noção de que Caraminguante e Gongriz eram também submetidos e atados um ao outro, e que os nossos truculentos vencedores nos conduziam, por entre vergastadas e algaravia, ao castigo final! Minha cabeça febril entrou em justificado pânico ante a perspectiva de uma morte aviltante, longe da elegância das liças ou do fragor das refregas. Enquanto eles me rebocavam, trôpego, balbuciante, com uma ponta do correíame atada ao meu pescoço e a outra ao rabo de uma burra (manca, ainda por cima!) eu prorrompi na vasta objurgatória que depois, sem que eu o soubesse sequer, seria preservada nas crônicas e transmitida aos pósteros como minha oração fúnebre:

- Ah, iracundos arautos do pandemônio! Acaso estais pensando que vosso trajeto plantígrado conseguirá curvar a cerviz de nossos brasões dicotiledôneos? Ilusão trêda! Brancas nuvens! Doudo afã! O aço impoluto de nosso sangue nobre dará frutos mais duradouros do que a insensata balbúrdia com que requeitais a febre das sociedades. De nada vos adiantará vociferar contra a solidificação das artérias da aristocracia! Jamais as vossas sedições conseguirão fazer estremecer os alicerces de nossas pirâmides, de nossos ministérios, de nossas torres-de-marfim! A locomotiva da História não padece desses reumatismos. O Tempo é um dinossauro implacável que vai roer a corda do vosso sino, e aí vai dar o créu! Carnificinas! Hecatombes! Herodes e São Bartolomeu! Vossos gibões encardidos hão de conhecer a têmpera do nosso fino aço de Toledo! Sereis passados a fio de espada,

e os sobreviventes descerão às masmorras imperiais, onde vão ver o que é bom pra tosse! O azorrague! A água-de-sal! A virgem de ferro! O leite-de-Procusto! A roda e o pelourinho!...

Nesse ínterim, bem como nos anteriores, estávamos atravessando uma clareira que sucedia ao bosque, e terminava abruptamente numa encosta pedregosa onde adivinhei um precipício, bem como a sorte que nos esperava. Aí foi que eu esbravejei!

- Capadócius e camumbembes! Podeis matar-me, e matar a esses dois estrupícios que vêm aí atrás e só fizeram me atrapalhar! Mas nossas armas luzem cobertas de glória no campo de combate! O tempo vos ensinará um dia o significado da palavra Honra! Sabereis então que sois o rebotalho da espécie humana, e que vossas carantornhas gafentas jamais merecerão figurar ao lado das nossas, no panteão dos heróis, no sacrábulo dos justos! Nós somos o Sangue Azul! Aí eles já estavam me metendo o pé na bunda, e eu bem na beirinha do grotão – aí eu tive que apelar:

- Gongriz, meu santo! Caraminguante, amigo velho! A gente tá é lascado! Arreda, que eu pulo só! Vamos dar às de vila-dioooooogooooo...

E mergulhei de cabeça pra baixo, logo eu que sofro de vertigem – e ainda ouvi os berros dos dois abestalhados sendo jogados depois de mim – e um chão cheio de pedras lá em baixo – mas o abismo era tão grande, tão grande, mas tão grande, que antes de chegar no fundo eu peguei no sono.

F I M

---

**BRÁULIO TAVARES (RIO DE JANEIRO-PARAÍBA)** – Escritor, compositor e roteirista. Têm dezenas de livros publicados, entre coletâneas de contos, cordéis, poemas, ensaios. Entre as suas obras, destaque para *A Espinha Dorsal da Memória* (Contos, Rocco, 1990). Possui várias letras publicadas por diversos ícones da música brasileira, como Elba Ramalho, Antônio Nóbrega e Lenine.